

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação International
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00.
PAGAMENTO ADIANTADO

TERÇA FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1925

A Associação Industrial, principal causadora da crise económica, pretende intrujar o governo e prejudicar as classes trabalhadoras

A Associação Industrial é uma agremiação triplamente nociva por ser prejudicial ao Estado recusando-se até onde pode ao pagamento de impostos, aos operários negando-lhes o direito à existência que é o maior incitamento às greves e até à revolta, à vida industrial pelo seu ódio intenso ao progresso e pelo seu inveterado amor à rotina.

Cumulativamente, combate a existência do Estado, afasta o país da civilização e reduz o operário à mais inferior e à mais grosseira das máquinas. Esta associação, que tem sido uma das causas principais do estado em que o país se encontra, sugeriu ao governo e ao funcionário superior do distrito a ideia-peregrina de intensificar a produção, forçando, para isso, o operário a trabalhar 10 e 12 em vez das 8 horas que actualmente, algumas classes, usofrue.

As 8 horas de trabalho estão reconhecidas até pelos organismos burgueses internacionais, surgidos do *après-la-guerre*, isto é, no período em que a ganância das classes capitalistas tinha atingido o auge. Essa circunstância demonstra que a resolução tomada pelo capitalismo internacional, na época dos maiores desvairamentos económicos, em conferências internacionais onde se encontravam os representantes mais categorizados e competentes das classes patronais, não obedeceu a qualquer humanitarismo social, mas sim à aceitação de aquilo que o progresso industrial vem desde os inícios do século XIX considerando e aconselhando como inevitável.

A intensificação da produção só poderia fazer-se pelo operário se a indústria fosse manual e se a máquina humana pudesse desobedecer às leis psicológicas e fisiológicas que a determinam e são, por assim dizer, as condições básicas que tornam possível a sua existência. Mas, a indústria moderna vive dependente dos maquinismos e estes não podem envelhecer sob pena de matarem as indústrias, que só existem quando acompanham o renovar constante e acelerado dos processos fabris.

Uma boa produção exige boas máquinas e bons produtores e uma grande competência técnica a orientá-la. A indústria portuguesa é essencialmente antiquada: a sua produção é forçadamente realizada por contagiadas o que torna o produto caríssimo e portanto de difícil colocação no mercado. Isto no que respeita aos maquinismos. Quanto aos produtores, para que sejam bons require-se a existência neles dum físico que resista à fadiga—e isso só é possível com higiene e boa alimentação.

Para que o organismo do produtor resista à fadiga é necessário que o esforço que ele realize não exceda a sua capacidade física e que esteja bem alimentado. A Associação Industrial sabe perfeitamente que o produtor está deputado e esfomeado—e pretende que ele seja ainda de mais rápida tuberculização. Como quer ela intensificar a produção recusando-se a introduzir o século XX nas suas fábricas e oficinas e reclamando o debilitamento ou, melhor ainda, a prematura supressão do produtor?

Na última inspecção militar verificou-se que a maioria, a esmagadora maioria dos recenseados não tinha a robustez física necessária para ser incorporada no exército. E essa maioria, essa esmagadora maioria é composta de operários. A quem atribuir este definhamento que reduz notavelmente a duração da vida humana e que transforma homens em espécies de homens? Os componentes da Associação Industrial por estas especiosas razões que passamos a referir:

1.º A sua incompetência e à sua sordidez que se negam a reconhecer que as indústrias só vivem desde que todos os países acompanhem a evolução dos processos fabris;

2.º A sua ganância que, conjugada às razões acima enumeradas, reduz o produtor à situação de não poder ser um consumidor;

3.º A sua imoral concepção industrial que conduziu o país a um recuo na civilização que é a explicação cabal de todas as agitações e de todas as decadências que actualmente se constatam.

A intensificação de produção só é possível desde que a indústria deixe de ser o que é: uma ficção protegida pelas pautas alfandegárias; ficção que um simples decreto poderia destruir em vinte e quatro horas. Ora a isso não estão dispostos os industriais por razões que a Associação Industrial e o país inteiro muito bem conhecem.

O que se impõe implantar em Portugal é a indústria moderna—visto que dela até hoje só um simples arremedo existe. E antes que isso se faça, torna-se necessário garantir o trabalho a dezenas de milhares de operários que estão condenados à inacção. Quem não produz não consome—e não é com o aumento de horas de trabalho que se alarga o consumo visto que ele iria aumentar o número dos desocupados. A não ser que a Associação Industrial projete a ideia macabra de ir vender aos mortos os produtos que os vivos estão impossibilitados de adquirir.

Francamente: a Associação Industrial está a trocar do governo su-ponto o parvo a ponto de que ele acredite que a intensificação da produção se pode fazer com uma medida que iria inevitavelmente aumentar o número dos que não tem trabalho...

A atitude das tropas agravadas em Sacavém

Recebemos da comissão de censura uma nota nos limitamos a publicar, ainda que isso nos não tivesse sido imposto:

O comandante e oficiais do destacamento n.º 1, estacionado em Sacavém, reunidos hoje, 27 de Junho, pelas três horas, para apreciar a situação que lhes está sendo criada por uma campanha que na sombra vem sendo urdida e cujos efeitos começam a sentir-se; constatando que lhes é atribuída uma ação política directa que afecta não só a ação do governo como até a realização do programa revolucionário; e, verificando que essa campanha só pode aproveitar os inimigos da actual situação que por todos os meios procuram lançar a desordem, a inquietação e desconfiança no seio do exército, para esclarecer a situação e marcar, a sua situação (que é norteador pelo que julgam ser o seu, dever militar) declararam:

1.º Que nenhuma interferência tiveram em quaisquer actos políticos, salvo aquele que lheve por fim exonerar de presidente do ministro o sr. Cabecadas não lhes cabendo, porém, a iniciativa desse gesto, limitando-se apena a executar e a obedecer as ordens do ex.º general Gomes da Costa que para esse fim veio consultar, não só esse destacamento, como os da Ameixoeira e Queluz, sendo este o primeiro a que sua ex.º se dirigiu;

2.º Que nenhuma resolução foi tomada por esse destacamento sem ser de pleno acordo com as restantes forças de Queluz e Ameixoeira;

3.º Que esse destacamento nenhumas su-vestiu nomeações e exonerações que têm eitas como, por exemplo, a exonerar-

ão do coronel Schiappa, tenente-coronel Ferreira do Amaral, e sua substituição pelo coronel Valadas e capitão Franco, respetivamente de G. N. R. e polícia;

4.º Que é inteiramente falso que este destacamento pense em fazer qualquer imposição ou levar a efeito qualquer golpe de estado para alterar a composição ministerial ou modificar o actual estado de cois.

5.º Que o destacamento foi completamente estranho à vindia do general Gomes da Costa a Sacavém, no dia 24 do corrente, às 9 horas, ao contrário do que a imprensa informou, a que atribuíu até àquele ex.º sr. a frase, *obrigaram-me ir a Sacavém*.

6.º São absolutamente falsos todos os boatos que têm sido forjados sobre a marcha e contra marcha desse destacamento.

Finalmente, para que não fiquem dúvidas a respeito das suas intenções e da isenção com que todas as tropas que constituem este destacamento têm cooperado neste movimento, sem fins reservados e tendo apenas por objectivo a dignificação da pátria e da República, pelo saneamento e moralização da administração e para que de futuro nenhuma responsabilidade lhe possa ser atribuída nas medidas que venham a ser adoptadas e que só ao governo competente, lembrar a sua ex.º o general a conveniência de ser dissolvida este destacamento após o juramento de bandeira de amanhã ou substituído por outro, caso a presença de forças nesta localidade Sacavém seja julgada necessária.

Sacavém, 26-6-926.—O comandante do destacamento n.º 1.—(a) Fernando Luís Mousinho de Albuquerque, coronel.

Nota: E' perfeitamente exacto quanto nessa exposição se diz, e eu reitero a minha confiança ao comandante desse destacamento, bem como no dos destacamentos n.º 2 e 3 e demais corpos do exército.—Lisboa, 26-6-926.—(a) Gomes da Costa, general.

Nota: E' perfeitamente exacto quanto nessa exposição se diz, e eu reitero a minha confiança ao comandante desse destacamento, bem como no dos destacamentos n.º 2 e 3 e demais corpos do exército.—Lisboa, 26-6-926.—(a) Gomes da Costa, general.

Lede o Suplemento de A BATALHA

As ambições e os crimes do general Petlioura, morto a tiro por um israelita

Uma correspondência atrasada de Paris relata-nos como se deu o atentado contra o general Petlioura, um antigo ditador da Ucrânia que no país deixou fama de carrasco. O executor foi um israelita, que afirmou vingar assim a morte de milhares de judeus trucidados à ordem do ditador.

Petlioura saiu de um restaurante quando o judeu Samuel Schwartzbar, nascido na Ucrânia, se acercou dele e, depois de pronunciar algumas palavras, disparou cinco tiros. Ao mesmo tempo, o executor exclamava, como alucinado: «Mata-me, agora, canhala!»

O ex-ditador foi mortalmente atingido na garganta e no baixo ventre; caiu, como uma massa inerte, sobre a beira do passeio. O executor deixou-o prender sem resistência, entregando a arma sem esperar intimação. Na sua côlera, contudo, era irreprimível, gritando várias vezes: «Vingue os céus mil judeus que o canhala fez massacrar!»

Como se sugeriu e executou o atentado

Samuel Schwartzbar reside há longo tempo em Paris, estando estabelecido com relações familiares. Durante a guerra alistou-se com seus dois irmãos no exército francês. Foi ferido e decorado com a cruz de guerra.

Numa missão militar francesa, enviada em 1917 a Petrogrado (hoje Leningrado) e Odessa, Samuel tomou parte. Então, pela primeira vez, ouviu referências à cerca de Petlioura, ao tempo ministro da Guerra da Ucrânia. Com horror e revolta, Samuel executou as descrições dos massacres de judeus ordenados e dirigidos por Petlioura e nunca mais deixou de pensar numa represácia justiciera.

Em Kamenetz forma Petlioura o seu quartel general, rodeando-se dum círculo de aventureiros ucranianos e internacionais, jesuítas, nacionalistas e gente suspeita, fazendo-lhe missões diplomáticas e autorizando aos seus oficiais uniformes de opereta.

Depois de prometer ao Papa que converteria a Ucrânia à religião católica, Petlioura, que também era judeu, cai no espiritismo e procura conferir nas mesas de pés-de-galo o seu destino.

Entretanto, transfere-se para a Galícia com os restos do seu exército e do seu governo, ficando sob a protecção do governo polaco.

Em 1921, colocando-se ao lado da Polónia contra a Rússia, chegou a estar ao lado de Kieff, pensando novamente realizar o seu sonho político. Mas o exército polaco retira-se da Ucrânia e, após a derrota dos russos às portas de Varsóvia, Pilsudski fez a paz.

As tropas de Petlioura foram dissolvidas e o governo polaco rompeu com o chefe. Nos meios ucranianos, Petlioura perdeu toda a sua autoridade, desaparecendo de vez da cena política, até que as balas do judeu Samuel cortaram irremediablemente as ambições do político criminoso e banal.

Encontrou-o uma vez, mas como ia acompanhado da esposa e dum filhinho hesitou.

Adiou o seu intento, até que, apanhando-a saída dum restaurante, muito frequentado por russos, disparou sobre ele o seu revólver.

A personalidade de Petlioura

Petlioura teve uma carreira vertiginosa, mas efémera. Foi humilde empregado numa administração local, mas tinha largas ambi-

cões, cuja realização a sua inteligência e a sua astúcia vinham favorecendo.

No decurso da guerra filiou-se no Partido Social-Democrata da Ucrânia. Ao estalar a revolução russa, Petlioura colaborou, com camaradas seus, na organização, em Kiev, de legiões nacionais ucranianas.

Derrubado o império czarista, a Rada proclamou a independência da Ucrânia. O sr. Vinnitschenko, chefe do Partido Social-Democrata ucraniano, escritor muito notável, formou um governo de que participou Petlioura na pasta da guerra.

Depois da paz de Brest-Litovsk, as autoridades alemãs dissolveram a Rada e nomearam um *hetmann*, que restabeleceu no país um regime de carácter monárquico.

Petlioura organizou sociedades secretas, a fim de subversões os camponeses. No momento do armistício marchava ele à frente dum exército de camponeses sobre Kiev. O *hetmann* alemão *puzerá* se em fuga. Petlioura formou então um diretório, fazendo-se seu presidente. Sonhava uma grande Ucrânia, que aterrorizasse a Rússia no Asia e cuivassem rotas à Conferência da Paz.

Porém, a guerra recomeçou logo: contra os bolchevistas, por um lado; contra os «brancos» de Denikine, por outro. Kieff foi tomada e retomada várias vezes. O exército de Petlioura, formado de camponeses sem ideal, rapinava e cometia horrores, encarregando-se contra os judeus. Cidades inteiras foram saqueadas. A mesma de Sidónio Pais deu o encarceramento e o espancamento de milhares de pessoas, deu a morte de Sidónio Pais e a revolta de Monsanto, feita por todos os culpados do atentado da estação do Rossio, e a Monarquia do Norte, opereta caríssima e mal ensaiada com o contraste odioso dos crimes dos «traiulheiros». Nesta situação dão o retrairo da opinião pública — retraimento tão grande que o juremento de bandeiras dos galochos que tem emocionado a cidade pelo seu prolongado bivaque nas povoações dos arredores, feito a um domingo, teve segundo o *Seculo* uma assistência diminuta, insignificante, a ponto do serviço de polícia destinado a conter a multidão ser tornado inútil por não existir multidão!

Como estamos tão longe das massas compactas de curiosos da parada da Avenida da República — e contudo ela ainda está tão perto do dia de hoje!

Entretanto, transfere-se para a Galícia com os restos do seu exército e do seu governo, ficando sob a protecção do governo polaco.

Em 1921, colocando-se ao lado da Polónia contra a Rússia, chegou a estar ao lado de Kieff, pensando novamente realizar o seu sonho político. Mas o exército polaco retira-se da Ucrânia e, após a derrota dos russos às portas de Varsóvia, Pilsudski fez a paz.

As tropas de Petlioura foram dissolvidas e o governo polaco rompeu com o chefe. Nos meios ucranianos, Petlioura perdeu toda a sua autoridade, desaparecendo de vez da cena política, até que as balas do judeu Samuel cortaram irremediablemente as ambições do político criminoso e banal.

Encontrou-o uma vez, mas como ia acompanhado da esposa e dum filhinho hesitou.

Adiou o seu intento, até que, apanhando-a saída dum restaurante, muito frequentado por russos, disparou sobre ele o seu revólver.

NOTAS & COMENTARIOS

Também já adorou?

três anos o nosso bom Lucas foi buscar à Santa Casa da Misericórdia uma pequena de dezasseis anos, Julieta Carvalho se chamava ela. O Lucasinha pretendeu o resgate da Julieta no facto de carecer dumha pessoa que tratasse de sua mulher que se encontrava moribunda. A Julieta acompanhou o Lucas—também a dizer Romeu—e a certa altura o Diabo teceu-as: a pequena foi desvirgada. Para evitar o escândalo D. Juan Lucas Diabo alugou um quarto à pequena e prometeu-lhe casamento. A mulher de D. Lucas Diabo morreu e a Julieta passou a viver maritalmente com o seu resgateador. D. Juan, porém, já largou os seus olhos para uma outra virgem e por isso expulsou-a da casa a Julieta. Esta, completamente só, sem abrigo, teve que recorrer à protecção particular, porque D. Lucas a lançou na mais crítica das situações. Convém aqui deixar explicado que D. Lucas Diabo é proprietário e que não lhe faz falta uns miseráveis escudos com que amenize o sofrimento da pobre Julieta.

Um exemplo a seguir

De Mossacabes, África Ocidental, escreve-nos o camarada Henrique Benjardino fazendo acompanhar a sua agradável e incomparável com a pobreza do país. Com a G. N. R. e com a polícia ainda ela tem contacto—e um contacto bastante desagradável. Com o exército não acontece o mesmo, se exceptuarmos duas paradas anuais e aquelas periódicas revoluções que enfiam, com prodigalidade, granadas pelas casas de gente inofensiva.

Disseram-lhe, porém, que o exército, desta vez, por meio dos mais prestigiosos dos seus elementos, ia sanear o regime, sanear o Terreiro do Paço, destronando a corrupção e entronizando a moralidade, acabando todos os vícios fúnebres e implantando todas as virtudes fúnebres; esmagando a tiranía democrática e estabelecendo a liberdade, condição esta que a população considera essencial à vida.

Afinal, ao cabo dum atraso, cerca de baionetas e marcialmente decorada por obuses, vê a tropa a converter-se numa casta privilegiada que monopoliza a inteligência, a competência, a honra, a dedicação e o espírito de sacrifício e recorda-se que houve muitos ministérios civis compostos de militares, meditando nas consequências da obra que elas realizaram... Vê ainda diluir-se em fumo verbas que são de 1.000 e de 3.000 e de 20.000 contos—e pensa que a virtude militar como a corrupção civil, que era quase completamente composta de militares, são imodestas, pôsto que brilham, pela sua presença, nos cofres do Estado que a corrupção civil desfalcou e que a virtude militar não consegue abarrotá-las, duvidando até que a questão das finanças se resolva com bivaques e paradas.

A estabilização do franco</h3

MARCO POSTAL

Sabota. — Gabriel Maria Alves. — Recebemos carta com 15\$00. Nada podemos entregar ao «Anarquista» como disse visto que a importância que enviou é precisamente o seu débito para com esta administração, no que está liquidado.

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,15
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,5
Q.	9	16	23	30	FASES DA LUA
S.	10	17	24		L. C. dia 27 às 11,40
	11	18	25		Q. M. 11,40 a 12,13
	12	19	26		L. N. 11,40 a 22,35
					Q. C. 19 a 17,48

MARES DE HOJE

Praiamar às 5,19 e às 5,44
Baixamar às 10,49 e às 11,14

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	3316	
Paris, cheque	57	
Suica	3787	
Bruxelas, cheque	57	
New-York	19555	
Amsterdão	7585	
Háia, cheque	71,5	
Brasil	2390	
Praga	58	
Suecia, cheque	525	
Austria, cheque	277	
Berlim	466	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Luís. — A's 21,30. — O Homem das 5 Horas, — Jogo Séco.
Espanha. — A's 21,30. — A Tosca.
Espanha. — A's 21,30. — O Dr. da Mula Ruça.
Séton dos. — A's 21. — Variedades.
Cinema. — (U) Vicente (A) Graca. — Espectáculos às 3,45.
2,25 sábados e domingos com matinée.
Espanha Barreto. — Todas as noites. Concertos: 2,25.
CINEMAS
Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado — Terceiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine París.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vías urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pele e sifilis — Dr. Correia Piqueiredo — 11 e as 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Câncer e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Atéu Salgueiro — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriel Beato — 1 horas.

PEDRAS "METAL AUER"
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATTA, NO LARGO
DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$4,00; 2580 mil, 25\$00
Pedra grande, duzia, \$80

MELINA
É O MELHOR
MATA FORMIGAS
A' venda em toda a parte
DÉPÔSITO GERAL:
Fernandes Almeida & C. Ltd.
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1º — Lisboa
Telefone C. 2422

Agentes no Funchal
ELMANO S. GOMES
R. do Coronel Cunha, n.º 53

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 33 desta revista
intitulada La Alondra de Angel Grau-
pera. — Preço, \$50. — Pedidos à adminis-
tração de A Batalha

"A BATALHA" no Funchal vende-se
No Bureau de La Presse.

até então todos reputariam impossível: isolar a Rochela do mar, fechando-lhe o porto com uma muralha gigantesca, construída fora do alcance da artilharia dos cercados; além disso, do lado da terra, o cardeal estabeleceu uma extensa linha de circunvalação, reforçada com torres e redutos, tão fortes como os muros de uma praça.

Assim, completamente bloqueados por terra e por mar, os rochelenses viram-se, pouco a pouco, reduzidos a uma horrível situação.

Em vão a esquadra inglesa tentou, por duas vezes, demolir a tiro de peça o molhe que fechava o porto. Os navios ingleses tiveram de afastar-se, abandonando a Rochela à sua terrível sorte.

Guiton conservava uma coragem indomável. Mais de doze mil pessoas tinham morrido de fome desde o começo do cerco.

— Enquanto restar eu, ou qualquer outro para guardar as chaves da cidade, dizia o valente administrador, é quanto basta!

Quando um vereador propôs que a cidade se rendesse, Guiton apunhalou-o, e opôs uma recusa formal às propostas de capitulação. Glória a este herói!

Emfim, depois dumha resistência heroica, que durou perto dum ano... as ruas estavam juncadas de cadáveres, a tal ponto que os sobreviventes, moribundos os seus próprios, não tinham já forças para enterrar os mortos, o que produzia uma peste na cidade.

Só então Guiton julgou que se podia dar ouvidos às propostas de Richelieu.

Os delegados protestantes foram levados ao campo real nas carruagens do duque de Bassompierre, porque estavam tão exaustos de forças que nem já podiam andar.

O cardeal, na presença deles, a 23 de Outubro de 1628, escreveu com o seu próprio punho esta promessa:

— Será garantida a vida aos habitantes, o gôsio dos seus bens, o perdão do crime e o livre exercício da sua religião, dentro de certos limites.

As tropas reais entraram na cidade. Do templo

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2º

LIMAS NACIONAIS
Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que a grande maioria das empresas portuguesas estejam limas estrangeiras visto que a "Touros" da Espanha é a que mais cotações de folhetos.

MARCAS REGISTADAS
UNIÃO
TOMO PETERA, Ltda., fabricam os melhores tipos de limas, com a qualidade com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas qualidades e encontram a venda em todos os países os melhores tipos de ferramentas.



129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

batime ntos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

HERPETOL
— Dá um —
Alívio instantâneo



SOFRE DE COMICHA provocada pelo ECZEMA
outras DOENÇAS DA PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL CURA. A atestá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do HERPETOL é muito poderosa, penetra os tecidos, cura os germens que encontram nos mesmos, os mais difíceis de tratar. É de uma maravilhosa eficácia para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSECTOS, ECZEMA, S. HUMIDO E SECO E CROSTOS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL, melhor remédio que até hoje apareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2º

A' VENDA a 10.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às horas das donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Horário de trabalho
As disposições legais

A edição editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preceito aviso de 6\$00. Aos sindicados que desejem adquirir quantidades far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

<p

A BATALHA

Aquele que não procede como pensa,
pensa incompletamente — GUYAU



EM COIMBRA

Uma brillante conferência do dr. Costa Mota acerca da educação infantil

Na Associação dos Artistas de Coimbra efectuou-se uma conferência do dr. sr. Costa Mota, sobre *Alguns vícios na educação da criança*. A conferência despejou vivo interesse na assistência, pelos salutares princípios defendidos pelo conferente, no respeitante ao problema da educação infantil.

O conferente começo por fazer a apologia da Semana da Criança pelos benéficos efeitos morais e educativos que dali resultam para a criança, sendo necessário notar que esses efeitos não se limitam apenas a uns curtos dias, mas sim a um ano inteiro.

São principalmente os pais e os professores que têm de recolher desta cruzada benéfica o máximo de indicações e de ensinamentos que vão aperfeiçoar e corrigir os seus processos de educação que parecem ainda hoje de terríveis defeitos que é necessário combater.

Um dos meios mais vulgares de educação das crianças é a punição e uns dos processos mais usados de punição é o castigo corporal — bater nas crianças.

E' frequente ver punir crianças, com a ideia de que só assim elas deixarão de repetir um acto considerado delitioso. Convém salientar desde já um facto absolutamente verdadeiro — as crianças que mais frequentemente são punidas, são precisamente aquelas que mais actos delitivos cometem.

Um pai mal humorado bate num filho porque este fez muito barulho a saltar e a cantar. E, contudo, esse mesmo pai não bate no filho sempre que ele salta e canta. Começa a criança acto delitioso? E' evidente que não. Ela salta e canta porque necessita fazê-lo para o seu desenvolvimento. Porque foi então punida? Exclusivamente porque incomodou o pai. Foi pois, uma "punição por egoísmo". A criança que está sempre a ser repreendida por não estar quieta, que ideia fica fazendo do significado dos movimentos que executa?

Esses movimentos que lhe são indispensáveis para o seu desenvolvimento passa a considerá-los como um acto que não deve praticar-se, já mais quando as repreensões são acompanhadas pelo inevitável sopapo.

Qual é a criança que não tem no seu activo castigos por ter desarrumado cadeiras, para com elas e com a sua imaginação fazer um comboio, um automóvel, um carro eléctrico? E porque foram esses castigos? — Pelo grande delito de ter desarrumado a casa e feito barulho! Foi também o "castigo por egoísmo". O que ganhou a criança com aquele castigo? O terrem-ho criado obstáculos à sua imaginação, com a qual ela animava aqueles objectos, imaginação que ela necessita se desenvolva na sua aprendizagem para adulto.

Desde muito cedo que a criança começa a sentir o egoísmo dos pais. Durante a primeira infância ela tenta mexer em tudo quanto vê, pela necessidade imperiosa de aprender a coordenar movimentos e de experimentar sensações novas, pois a criança sendo destinada a comunicar com o mundo exterior e sendo seus agentes intermediários os órgãos dos sentidos, são estes os primeiros a necessitar desenvolver-se e aperfeiçoar-se, o que só conseguem experimentando sensações novas, visuais, auditivas, tacteis, etc. Se lhe dia, durante a infância, objectos de cores variadas, todo um mundo de bonecos, guijos e apitos, a criança vai pondendo de parte à medida que se familiariza com esses objectos.

Mas, para as sensações tacteis e para a coordenação de movimentos, ela necessita de mexer em tudo quanto ve. Quantos sopapos não lhe custa essa necessidade? E' que a criança mexendo desarruma, altera a estética duma mesa que tem de ser arrumada de novo — é ainda o "castigo por egoísmo".

Muitas vezes a criança chora, ou pela necessidade que tem de chorar, para o bom arreamento dos seus pulmões, ou porque alguma coisa a incomoda e que ela não sabe acusar; pois os pais, fartos de a ouvir, apimentam-lhe como remédio a tradição palmaria para fazer passar o que eles chamam a *perreia*. E quantas vezes uma cónica é tratada com açoites em vez de ser com aplicações quentes! E em quantos casos é a mãe a responsável por essa cónica!

A razão mais freqüentemente invocada para justificar as punições da criança, é o evitar que elas repitam a prática de actos considerados maus.

E com este critério bate-se numa criança porque não cumpriu uma ordem, porque tentou mexer no ferro de engomar, porque arrancou a cabeça ao boneco, porque meteu os dedos na marmelada, etc.

Quer isto dizer que há que bater constantemente na criança, porque, constantemente ela está praticando actos dessa natureza, que só não praticaria se fosse adulto, se já tivesse concluído a sua aprendizagem, donde se conclui que bate-se na criança porque ela é criança!

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A frequência das punições faz com que a criança se habite a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

E' deste sistema de educação que resulta a frase muito freqüente nas crianças: «não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bate-lhe.

A LIQUIDAÇÃO DO TIRANETE

A moral dos delatores de uma inexistente conjura contra Azevedo Coutinho

LOURENÇO MARQUES — *Maio*. — Começa a registar-se, em letra redonda e de um modo concreto, a bufaria que Vitor Hugo teve a seu sólido e à sua ordem, para espreitar e denunciar, por forma velhaca, caluniosa e infame, os ferrovários e as pessoas que de modo nenhum podiam aplaudir uma administração insensata, criminosa, e muito menos um despotismo sanguinário e torpe, como é o que impõe nessa colónia desde 11 de Novembro de 1925.

Há poucos dias, a coberto da nota n.º 3151C com a data de 20 de Abril foi remetido para o Ministério das Colónias o primeiro relatório sobre prisões e expulsões.

O caso era simples: — Com os primeiros deportados para a Metrópole, fôr obrigado a seguir com guia para o Ministério, o inspector sr. Solipa Norte, invocando-se que o seu lugar tinha sido extinto. Este, parece, que em Lisboa se apresentou ao respectivo ministro e lhe falou alto, reclamando contra a arbitrariedade.

O ministro, entre cinicos e atarantado, parece que ouviu, sobre o assunto, o consultor jurídico do ministério, tendo sido este de parecer que o alto comensal Azevedo Coutinho rásgrava a lei e perseguia aquele funcionário sem base legal.

O ministro, entalado com este parecer, em telegrama n.º 167 de 28 de Janeiro, pediu a Vitor Hugo que fundamentasse o seu acto infame contra o inspector sr. Solipa Norte; e de tudo isto saiu um relatório engendrado pelo agente Canelha.

Ora é nesse relatório, onde se pretende encontrar a preparação dum movimento sedicioso chefiado por aquele funcionário com o fim de apurar o incompetente Azevedo Coutinho, vulgo «O Nero de Moçambique», — que aparece, a descoberto, pela primeira vez, o bando de delatores, bufios ruíns e desprezíveis, que Severino, a fera com figura humana, e o comissário de polícia tinham ao seu serviço por recomendação de Vitor Hugo.

Quem são eles, os bufos?

Primeiro bufo, — o que fez a denúncia: — Bartolomeu Sá Couto, um desprezível pendreiro com aspirações a mestre de obras, indivíduo analfabeto, alma cancerosa, joguetes nas mãos dum irmão (o José Domingues) e de um louco (António Marradas).

Depois vieram os outros, a bufaria abjeta da tragedia imensa que se desenrolou em Lourenço Marques.

António Marradas, o triste herói a quem Solipa Norte, com duas bofetadas, em 1924, tinha atirado duas vezes ao chão; o capacho a quem, 2 dias depois, o professor A. Cunha tinha partido os oculos e atirado pela escada a baixo do Correio; o cretino a quem o jornalista Roque Ferreira, na estrada de Marracuene, também dois ou três dias depois, tinha vergastado com um bate-bola, o depacotilha.

Belchior, correccional da mais infima espécie, mentor dum associação de malfeitos que está para entrar na cadeia; e o inspector sr. Solipa Norte, admitiu logo que viram o seu inimigo deitado dentro, a conspirar, os sr. dr. Moreira da Fonseca, Horácio Pires, J. A. de Carvalho, Fernandes Gil, António Maria Pacheco, José Lameirão, Augusto Mota e vários policiais e guardas fiscais; e os outros, que nada viram, os inimigos pessoais (toda a gente, em Lourenço Marques conhece essa inimizade profunda) do inspector sr. Solipa Norte, foram confirmar a delação, afirmando que se havia luz, também havia gente; que foram espreitar por um quintal e lhes parecer ouvir susurro de vozes que não perceberam; que não viram entrar nem sair ninguém... mas que aquilo «era pela certa reunião contra o sr. Alto Comissário».

Nunca se virão maiores bandalhos. Não há tribunal onde se não pregunte: — E' inimigo do rei? Se é declaradamente inimigo, não de pôe. Pois a escória que atrás fica amarrada toda constituída de inimigos ligados e com tal reconhecidos, não trepidou: depôz e cunhou, desceu o último degrau da infâmia e da desvergonha; e houve um governo, chefiado pelo «Nero de Moçambique» e acolhido pela fera do Severino, pelo traidor Adelino Lima, pelo bigamo Sujo de Lacerda, pelo guedelhas das Finanças, pelo pímpo de Sete Cabeças, que se afolou em lama até às orquídeas, a arquitetar a monstruosidade que para o ministério seguiu a coberto da nota 3151C, peça suja e indecorosa, a que não falta sequer a transcrição dum «Desfeso» publicada em tempos por José Cardoso.

E era esta escória que rodeava Azevedo Coutinho! — C.

para evitar que a criança repita determinado acto.

* * *

Uma outra categoria de punições são as que se aplicam por actos que a criança comete por culpa dos próprios pais.

E' frequente os pais praticarem diante dos filhos actos que estes não devem reproduzir. Num dado momento a criança repete aquele acto e o pai bate-lhe, acompanhando muitas das vezes o castigo com a frase menos educativa que há: «Os meninos não podem fazer isso; só as pessoas crescidas o podem fazer».

Tem sido desagradavelmente comentado, entre os professores, o facto de a imprensa local não ter feito no seu noticiário a mais leve referência à forma como decorreram as festas da Semana da Criança. — C.

José L. Almeida, o «Manivel», ex-carreiro do Almoxarifado, ex-condutor dos eléctricos, ex-sócio dum ladrão de arroz da Fazenda Nacional, analfabeto sem vergonha e sem dignidade e por isso mesmo zelador da Câmara Municipal.

Abel Cabanelas, aprendiz de sacristão, rato de misturas, comerciante falido, posto nuns concursos para aspirante de Finanças num dos últimos lugares, a pesar do seu triste papel de bufo do governo, tão manifesta é a sua «burridade».

José Cardoso, professor que difamou a propria mulher motivo por que está divorciado; indivíduo condenado no tribunal, por 3 vezes, por caluniador e difamador, com pena de 2 vezes cumprida na cadeia; professor punido em dois processos disciplinares, com 140 dias de suspensão e transferência, sendo a pena de 90 dias de suspensão aplicada pelo general Massano de Amorim; funcionário que o governo de Inhambane declarou «indesejável» naquele distrito e até em toda a província, pedindo a sua demissão ou transferência.

Asfixia, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.

Assim, ainda não há muitos meses que escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso escândalo que escandalizou o mundo, e que é o caso que se estendeu.